

# A PERCEPÇÃO DE ALGUNS ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL A RESPEITO DAS EXIGÊNCIAS DA MASCULINIDADE

**Autora: Juliana Jessica Sousa Gonçalves<sup>1</sup>**  
**Orientador: Dr. Francisco Vítor Macêdo Pereira<sup>2</sup>**

## RESUMO

A masculinidade pode ser entendida como o conjunto de atributos, valores e comportamentos característicos dos homens em uma determinada sociedade ou grupo social. No que concerne a essa percepção, o presente artigo busca averiguar como alguns adolescentes, entre 11 e 14 anos de idade, estudantes da Escola Municipal Francisco Nelson de Lavor, localizada na zona rural do município de Itapipoca, região norte do estado do Ceará, vivenciam (percebem e recebem) as exigências quanto a comportamentos tipicamente atribuídos à masculinidade em seus grupos sociais. Interessa-nos saber se, por exemplo, eles já foram cobrados por estereótipos de comportamentos e posturas viris (quanto aos seus corpos, à sua sexualidade e ao seu trato com as mulheres)? Foram exigidos quanto à contenção/repressão de algumas de suas emoções para a admissão às senhas/regras da vida masculina adulta? Foram julgados quanto à adequação de suas roupas, estilos, entonação de voz e emprego de vocabulário e expressões? Em busca de respostas a estas e outras questões, pretendeu-se, nesta pesquisa, a realização de uma abordagem e análise qualitativas: mediante a realização de entrevistas semi-estruturadas junto a 05 (cinco) estudantes adolescentes, do gênero masculino, do Ensino Fundamental da localidade de Taboca, no município de Itapipoca/CE: no tocante às suas percepções sobre as regras e estereótipos de introdução/admissão/validação de suas identidades em (des)conformidade às masculinidades vigentes. Os resultados nos permitiram observar que as percepções e exigências em torno das identidades e estereótipos masculinos vêm sendo atualmente ressignificadas em meio a essa nova geração, haja vista que concepções tradicionais e contemporâneas seguem, desde agora, conflitadas no que tange as mais novas experiências de vida dos adolescentes interlocutores de nossa pesquisa.

**Palavras-chave:** Estereótipos; Masculinidade; Adolescentes do Ensino Fundamental; Sociedade patriarcal.

## ABSTRACT

Masculinity can be understood as the set of attributes, values and behaviors characteristic of men in a given society or social group. With regard to this perception, the present article seeks to investigate how some adolescents, between 11 and 14 years old, students at Francisco Nelson de Lavor Municipal School, located in the rural area of the municipality of Itapipoca, in the northern region of the state of Ceará, experience (perceive and receive) demands regarding behaviors typically associated to masculinity in their social groups. We are interested in knowing if, for instance, they have already been charged with stereotypes of virile behavior and postures (regarding their bodies, their sexuality and their treatment of women)? Were they required to contain/repress some of their emotions for admission to the passwords/rules of adult male life? Were they judged on the appropriateness of their clothing, styles, intonation of voice and use of vocabulary and expressions? In search of answers to these and other questions, it was intended, in this research, to carry out a qualitative approach and analysis: through semi-structured interviews with 05 (five) male adolescent students, from Elementary School in the locality of Taboca, municipality of Itapipoca/CE: regarding their perceptions about the rules and stereotypes of introduction/admission/validation of their identities according to (non)conformity to the current masculinities. The results allowed us to observe that the demands and perceptions around male identities and stereotypes are currently being re-signified in the midst of this new generation, given that traditional and contemporary conceptions are, from now on, conflicted with regard to the newest life experiences of the teenagers who were the interlocutors of our research.

---

<sup>1</sup> Discente do Curso de Especialização em Gênero, Diversidade e Direitos Humanos pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

<sup>2</sup> Orientador Doutor em Filosofia pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE

Data de Aprovação: 02/02/2022

## Introdução

A masculinidade pode ser entendida como o conjunto de atributos, valores e comportamentos característicos dos homens em uma determinada sociedade ou grupo social. Para Connell (1995), a masculinidade, assim como a feminilidade, é construída socialmente, sendo por isso histórica, mutável e relacional. Há uma diversidade de tipos de masculinidades, correspondentes às diferentes perspectivas, expectativas e prognósticos: quanto às inserções dos homens nas estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais de produção das relações humanas em suas respectivas realidades e contextos históricos.

Reconhecendo, além disso, que cada pessoa aprende a sua maneira de singularmente tornar-se homem (ou mulher), é válido igualmente afirmar que há muitas formas de se ser homem (ou mulher), pois que em cada cultura existem mecanismos e códigos aprendidos, disseminados, compartilhados e referendados, os quais estão presentes na explicação e sustentação da diversidade humana nos mais distintos contextos, funcionalidades e arranjos de dinâmicas sociais (DE CASTRO, 2018).

Venho do contexto de uma educação patriarcal, do interior de Itapipoca, região norte do Estado do Ceará, onde - por muito tempo - o homem (a exemplo de meu pai) foi visto na família como o provedor de todas as questões financeiras e materiais. Já eu, na condição feminina, aprendi desde muito cedo a assumir - de modo submisso - os cuidados com a casa. Quando queria fugir um pouco desse roteiro, escutava frases do tipo “isso não é coisa de menina”, “não se meta”, “você só quer brincar com menino macho”.

Depois do nascimento do meu irmão, ao contrário do que aconteceu comigo, verifiquei as exigências da masculinidade (responsabilidades consideradas mais sérias e importantes) inteiramente voltadas para ele. Na verdade, desde quando ele tinha quatro ou cinco anos de idade, ouvia meus pais, todo o tempo, lhe dizerem frases do tipo “homem não chora”, “homem tem de ser forte”, “seja um sujeito macho”, “homem tem de ir pra rua e não levar desaforo pra dentro de casa”, dentre tantas outras... ligadas aos estereótipos de uma masculinidade que reprime as emoções e que exige dos meninos (desde muito cedo) posturas de ação e virilidade.

Vejam, quanto a esse tipo de exigência, o que nos dizem Pinto *et al.* (2007):

A definição de homem na sociedade patriarcal baseia-se em figuras de linguagem negativas, como: homem não chora, não demonstra seus sentimentos, não pode amar as mulheres como as mulheres amam os homens, não pode ser fraco, muito menos covarde, jamais ser perdedor ou passivo nas relações sexuais. Por outro lado, algumas afirmações positivas

complementam esses comandos: homem deve ser forte, corajoso, macho, provedor, viril, autoconfiante, destemido, agressivo, independente (PINTO et al., 2007, p.242).

Atualmente, em um contexto um pouco diferente do da minha infância (passada há mais ou menos vinte anos) - e agora como professora e pesquisadora -, gostaria de avaliar se essa educação patriarcal familiar ainda continua exercendo a exigência dos mesmos papéis e estereótipos de gênero, tradicionalmente tão desiguais: exacerbando a submissão e a passividade para as meninas, e a dominação e a agressividade para os meninos.

Pinto *et al.* (2007, p. 242) ressaltam que “os alicerces da masculinidade são lançados na infância do menino, na sua experiência com a família, a escola e os amigos da mesma idade”. Tendo em vista que a virilidade, a competitividade, a agressividade e a mitigação das emoções ainda prevalecem como estereótipos válidos dessa masculinidade (alicerçada desde a infância), torna-se interessante investigar em que medida, na atualidade, tais padrões comportamentais (tão marcados nas diferenças de gênero) ainda seguem sendo repassados: dentro do contexto de formação e interação social de uma escola em pleno século XXI.

No escopo de compreender a imantação das formas sociais da masculinidade no convívio/contexto escolar de meninos entre 11 e 14 anos de idade, interessa-nos investigar se alguns alunos do ensino fundamental - nessa faixa etária, da escola municipal Francisco Nelson de Lavor - localizada na zona rural do município de Itapipoca/CE - ora passam por exposições ou exigências de reprodução de modelos masculinos análogos aos que foram submetidos os seus pais.

Em outras palavras, são ainda exigidas para a formação da masculinidade desses meninos as mesmas características de força, virilidade e maior contenção racional? Em medidas e condições análogas às quais foram expostos os seus pais? São esses meninos ensinados a ainda hoje não chorar, não se comprometer com os trabalhos domésticos, (des)considerar as meninas como inferiores e disciplinar rigorosamente as suas emoções?

Corroborando o que afirmam Pinto *et al.* (2007), Voks (2019, p. 108) ressalta que:

a masculinidade começa a ser incorporada pelos homens na infância, sendo bastante enfatizada na adolescência, e segue com eles pelo resto da vida, sendo que praticamente todos os seus comportamentos são esquadrihados e vigiados dentro das normas específicas dessa masculinidade.

No que se segue a essa compreensão, interessa-nos saber se esses adolescentes e pré-adolescentes já foram ou são ainda expostos às exigências/ expectativas de comportamentos típicos de uma masculinidade conservadora: performada de acordo com estereótipos viris, de

submissão das mulheres e de contenção/repressão de suas emoções. De fato, averiguamos que a educação para a masculinidade segue comumente exigindo dos meninos a repressão dos sentimentos, e mesmo o uso ocasional da força como forma de solução de problemas cotidianos.

Essas são marcas que lhes distinguem do *sexo frágil*. Na verdade, a vigência da indução a esse tipo de comportamento denota como os modelos de produção, quanto ao que se pode considerar masculino (próprio da masculinidade) ou feminino (próprio da feminilidade), seguem atuais e operantes, apesar das paulatinas postulações - de diversos movimentos e representações - quanto à repaginação das relações de gênero em práticas de isonomia, liberdade e equidade.

### **Entendendo um pouco sobre a masculinidade e os seus estereótipos.**

A masculinidade porta tradicionalmente consigo a expectativa/imposição de determinados comportamentos e papéis (considerados adequados aos homens), dentre os quais se destacam: a omissão de sentimentos e emoções, a proibição em demonstrar fragilidades, a supervalorização da heterossexualidade, os ideais de dominação e objetificação da mulher, a administração e o controle da vida material, entre outros.

A percepção e a exteriorização de sentimentos - como medo e insegurança - são, no entanto, condições inerentes a qualquer ser humano, ainda que - na maioria das vezes - isso seja visto como algo *não masculino*: gerando ou corroborando a ideia de que o homem deve ser invariavelmente forte, sendo o aspecto da virilidade o que lhe é mais valorizado e historicamente distintivo de sua subjetividade.

Nesse sentido, como ressalta Gomes (2008),

a masculinidade pode ser entendida como um espaço simbólico que serve para estruturar a identidade de *ser homem*, modelando atitudes, comportamentos e emoções a serem adotados. Sob esse aspecto, a masculinidade - situada no âmbito de gênero - representa um conjunto de atributos, valores, funções e condutas que se espera que um homem tenha numa determinada cultura (GOMES, 2008. p. 70).

Diante disso, principalmente porque vivemos em uma sociedade patriarcal (cuja organização estrutural e produtiva é baseada na dominação masculina desde muito cedo), os homens acabam sendo preparados para responder às expectativas sociais referentes aos papéis os quais se espera que eles desempenhem, seja por exigência cultural e/ou familiar,

seja pelas tensões simbólicas, político-econômicas e psíquicas (mantidas pelas convenções entre as suas subjetividades e as identidades as quais se espera que eles assumam).

A construção dos modelos predominantes de masculinidade está ligada, portanto, a valores de distinção de gênero, os quais vão sendo adquiridos quando - por exemplo - o menino não pode demonstrar sentimentos nem chorar, quando lhe é ensinado que deve ser competitivo e forte para vencer disputas, buscando ser sempre o melhor; ou ainda quando lhe é mostrado que não precisa compartilhar as responsabilidades domésticas com os/as demais membros/as da família e da casa, em especial com as mulheres.

É na infância que se iniciam essas induções identitárias - ainda vistas ou consideradas como tipicamente masculinas. Desde os mais tenros processos de socialização, a criança aprende, de fato, a reproduzir comportamentos considerados adequados ao seu gênero. Souza *et al.* (2017) ressaltam, no entanto, que “a masculinidade e a feminilidade não são características típicas, inatas tampouco naturais a homens e mulheres, mas que fazem parte do processo de socialização de ambos, determinando a aceitação e a inclusão dos sujeitos na sociedade”.

Ou seja, ambas as balizas subjetivas, identitárias e comportamentais de gênero (*masculina e feminina*) são socialmente construídas, imantadas e consolidadas a partir de valores, códigos e costumes os quais se confirmam no uso e no curso de processos históricos de ideação, formação e socialização dos sujeitos: notadamente no âmbito familiar e escolar, e sempre com vistas à invariável manutenção de superestruturas políticas e socioeconômicas.

Na prática, as identidades em torno do masculino (ou, por derivação, do feminino) começam a ser erigidas quando o bebê ainda está na barriga de sua mãe. Desde então, a família começa a gerar a expectativa de preparar o enxoval de acordo com o sexo: rosa para as meninas e azul para os meninos. *Do exame de ultrassom à sepultura* estabelece-se, pois, o roteiro do ser humano em conformidade ao seu sexo.

A esse respeito, Cabral e Diaz (1998, p. 142) afirmam que:

Mesmo antes de nascer, a primeira coisa que se identifica em um bebê é o seu sexo: “menina ou menino”, e a partir desse momento começará a receber mensagens sobre o que a sociedade espera desta menina ou menino. Ou seja, por ter genitais femininos ou masculinos, eles são ensinados pelo pai, mãe, família, escola, mídia, sociedade em geral, diferentes modos de pensar, de sentir e de atuar (grifos do original).

A fim de avaliar a extensão dos efeitos dessa programação de gênero na formação das identidades, representações sociais e mentalidades de adolescentes e pré-adolescentes da

Escola Municipal Francisco Nelson de Lavor (localizada na zona rural do município de Itapipoca/CE), é que nos propusemos à realização da presente pesquisa.

### **Concepção do procedimento**

Em consecução aos objetivos anunciados, concebe-se este trabalho como pesquisa de caráter qualitativo (GIL, 1999), conforme a aplicação de métodos e técnicas de coleta: no que propiciem a oportunidade e o aprofundamento da análise sobre as principais questões relacionadas à proposta de nosso estudo (quanto à percepção dos adolescentes selecionados a respeito das exigências da masculinidade, para si e sua iniciação à vida adulta). O intuito é, portanto, o de investigar as percepções em torno da masculinidade e a sua constituição, por intermédio do próprio olhar dos alunos interlocutores de nossa pesquisa.

Para a coleta de dados, foi elaborado um questionário semiestruturado, com 07 (sete) perguntas abertas (ANEXO I), o qual foi previamente apresentado ao núcleo gestor da escola. Autorizada a realização da pesquisa no espaço escolar, selecionamos 05 meninos, entre 11 e 14 anos de idade, estudantes da 7<sup>o</sup> série do ensino fundamental, todos da localidade de Taboca, no município de Itapipoca/CE.

Vale ressaltar que o trabalho foi integralmente realizado no atual contexto pandêmico: em que as aulas foram presencialmente retomadas há apenas 03 meses (desde setembro de 2021) e apenas para a metade das turmas. Desse modo, optamos pelo contato com os interlocutores que estavam frequentando a escola durante esse período, sendo o questionário aplicado de maneira física em sala de aula.

A faixa etária escolhida para a realização da pesquisa (meninos entre 11 e 14 anos de idade) se justifica por corresponder ao período da puberdade: fase em que se dá a segregação hormonal dos caracteres sexuais secundários, moldando os corpos dos meninos da infância para a vida adulta. É justamente nesse contexto de transformações hormonais/corporais que a maioria deles anseia por se tornar e ser percebido como homem, tentando incorporar os traços e comportamentos da masculinidade adulta dominante.

Foi-lhes explicada - a cada um dos participantes da pesquisa - a importância de um trabalho científico sobre a masculinidade: no sentido de refletirem positivamente sobre o que os distinguiria como homens, emancipados de quaisquer estereótipos e práticas de violência: contra as mulheres, contra si mesmos e em respeito às diversas identidades de gênero e orientação sexual.

Em seguida, lhes foi entregue o termo de consentimento livre e esclarecido (ANEXO II), a fim de que o levassem para casa e explicassem o objetivo da pesquisa às/aos seus/suas responsáveis, destacada a livre escolha de autorização (ou não) para a participação dos interlocutores na mesma. O referido termo foi, portanto, entregue previamente aos alunos, a fim de que o levassem às/aos suas/seus responsáveis para a necessária coleta de suas assinaturas.

No dia seguinte, com os termos devidamente firmados, foi realizada a aplicação do questionário aos estudantes participantes. Foi esclarecido a cada informante/interlocutor que as suas identidades seriam mantidas no mais absoluto sigilo e que, por isso, poderiam e deveriam responder as questões utilizando a sua linguagem própria, emitindo - sem quaisquer constrangimentos - a sua opinião, o seu entendimento livre, desimpedido e sincero sobre o tema e o problema da pesquisa.

Todos responderam, então, sem nenhuma interferência da pesquisadora, as 07 questões propostas. Vale lembrar que, em sua totalidade, a turma possui 15 (quinze) estudantes, entre meninos e meninas. Entretanto, com a retomada gradual das aulas presenciais, somente 08 (oito) deles/as estavam na escola. Destes/as, 06 (seis) eram meninos, mas apenas 05 (cinco) aceitaram participar da pesquisa (mediante o consentimento firmado previamente por seu/sua responsável).

## **Resultados e discussões**

Para a análise e discussão dos dados obtidos através do questionário, realizou-se inicialmente uma compilação de todas as respostas obtidas. Os questionários dos estudantes foram identificados por numerais de 01 a 05. Por meio dessa identificação, traremos *algumas falas* dos mesmos, comentando as questões. No primeiro momento, lhes foi pedido que tentassem responder todas as questões da maneira que eles soubessem, sem se que se preocupassem em estar *certos* ou *errados*, e assim foi feito.

A primeira questão buscava saber o que eles entendiam por *masculinidade*. A esse respeito, destacamos todas as respostas obtidas:

ALUNO 01: a masculinidade é o oposto de feminino, na verdade são pessoas que são homens.

ALUNO 02: é a diferença de pensamentos e opiniões dos meninos para as meninas.

ALUNO 03: é algo que a sociedade diz que os homens devem manter.

ALUNO 04: tem a ver com hormônios masculinos.

ALUNO 05: relação da diferença que as pessoas querem colocar.

Analisando estas curtas respostas, observamos que - pelo menos quatro, do total de cinco - destacam que a masculinidade é algo que se dá ou que se afirma em *oposição ao feminino*. Nader e Caminoti (2014) permitem-nos inferir que isso ocorre pelo fato de que tanto a masculinidade quanto a feminilidade são construções sociais (idealizadas e opostas), dependendo fundamentalmente da educação recebida na infância e das influências às quais os/as sujeitos/as foram coletiva e socialmente expostos/as ao longo da vida.

Na sequência, pediu-se aos estudantes que lessem com bastante atenção os seguintes dizeres ou expressões: i) *meninos não podem brincar de boneca*; ii) *meninos não podem chorar*; iii) *meninos não devem aprender afazeres de casa* e iv) *meninos não podem brincar com meninas*.

Feita a leitura, solicitou-se o depoimento de cada um quanto ao fato de já ter vivido, experimentado ou ouvido - em qualquer circunstância - alguma daquelas expressões: como forma de advertência, reprimenda, impreciação ou admoestação. O estudante deveria destacar se a situação havia acontecido consigo ou com alguém próximo ou conhecido, emitindo - se possível - um breve relato a respeito. Obtivemos daí algumas respostas bastante interessantes, dentre as quais destacamos:

Para a afirmativa i) *meninos não podem brincar de boneca*, o aluno 01 diz: “nunca conheci algum menino que brincasse de boneca, na realidade eu acho que isso não é normal”. Já o aluno 02 afirmou ter ouvido da mãe que *meninos não podem brincar de boneca* e também que o pai já lhe havia dito que *meninos não choram*. O aluno 03, para todas as afirmativas, escreveu que não vivenciou nada parecido.

Já o aluno 04 citou que apenas uma das afirmativas - i) *meninos não podem brincar de boneca* - já lhe havia acontecido, mas não com ele mesmo, e sim em uma situação envolvendo um familiar (sobre quem o estudante não deu detalhes). O aluno 05, por sua vez, a respeito da afirmativa i) *meninos não podem brincar de boneca*, respondeu o seguinte: “sim, minhas irmãs estavam brincando de boneca e o filho da nossa vizinha queria também, só que a mãe dele chegou e disse que não era pra ele brincar, pois boneca não era brinquedo pra ele”.

De todas as falas dos alunos, podemos justamente depreender o que Nader (2002, p.473) afirma: “na sociedade ocidental atual, a família, a escola, a religião, a mídia e a

sociedade em geral ensinam, de maneira velada ou explícita, quais comportamentos são aceitos como masculinos ou não”. Ou seja, é possível perceber que a masculinidade é um processo de construção social e de adestramento comportamental ainda bastante rígido. Essa condição fica perceptível principalmente na resposta do aluno 05, quando ele se refere ao caso do *filho da vizinha*.

As questões seguintes, 03 a 06, abordam a expressão dos sentimentos: quanto ao que é *aceitável para meninos*, em contraste ao que é *aceitável para meninas*. São levados em conta o choro, a demonstração das emoções, o compromisso com o cuidado de si e com as tarefas domésticas. Foi-lhes, então, perguntado: (03)  *você acha que meninos podem chorar? Por quê?* (04)  *E as meninas, podem? Por quê?* (05)  *Você acha que meninos e meninas devem aprender a cozinhar e arrumar a casa, ou apenas as meninas devem aprender a fazer isso? Por quê?* (06)  *Você acha que meninas e meninos devem brincar separadamente? Por quê?*

Com relação à questão 03, todos afirmaram que sim. Dentre as justificativas, obteve-se: “todos nós choramos, isso é normal” (aluno 01); “choro é uma coisa livre pra todo mundo” (aluno 02); “todo mundo tem direito de sentir seus sentimentos” (aluno 03); “chorar faz bem” (aluno 04); “nós homens também temos sentimentos” (aluno 05).

Para a pergunta referente às meninas (04), todos afirmaram igualmente que sim. Dentre as justificativas citadas, destacamos: “todos temos direito de chorar por algum motivo” (aluno 01); “como eu disse, o choro é livre pra todo mundo” (aluno 02); “elas têm os mesmos direitos” (aluno 03); “o choro não pode ficar guardado” (aluno 04); “meninas têm mais facilidade de chorar, porque são mais delicadas” (aluno 05).

Quanto a essas falas, podemos observar o que Silva (2006) constata: “o modelo de masculinidade, para o novo homem, está cada vez mais baseado na capacidade e na possibilidade de positivamente demonstrar os seus sentimentos”. Deixa-se, assim, um pouco de lado a ideia conservadora, associada à masculinidade taciturna, emocionalmente introvertida: segundo a qual se pregava que o homem não deveria - em nenhuma hipótese - expor os seus sentimentos, pois isso seria o mesmo que demonstrar as fraquezas que ameaçariam o seu domínio e a sua autossuficiência.

A quinta questão aborda a atribuição - por gênero - quanto ao *compromisso com os afazeres e cuidados domésticos*. Para essa questão, surpreendentemente, todos os alunos afirmaram que sim: que ambos - meninas e meninos - devem igualmente aprender e comprometer-se com os cuidados da casa. Com isso, podemos observar que a ideia - segundo

a qual, tradicionalmente, apenas a mulher deveria ocupar-se com as atividades domésticas - não lhes está mais sendo repassada como requisito fundamental à formação/afirmação de sua masculinidade.

A sexta questão indaga se *meninas e meninos devem brincar separadamente*, ao que todos responderam que *não*, pois “brincar é algo normal” (aluno 01), “crianças devem brincar juntas” (aluno 02) e “não deve existir rivalidade” (aluno 03). Os alunos 04 e 05 também responderam negativamente, mas sem justificar as suas respostas. Já a sétima questão busca saber da opinião dos alunos quanto ao que torna *as meninas diferentes dos meninos*. Dentre as respostas obtidas, destacamos:

ALUNO 01: o corpo.

ALUNO 02: diferenças de opinião, pensamento etc.

ALUNO 03: nada.

ALUNO 04: o corpo e também porque as meninas são mais responsáveis.

ALUNO 05: acredito que é a questão das partes íntimas.

Podemos observar - de três das cinco respostas dos pesquisados - o destaque conferido aos aspectos biológicos: dois dos estudantes (01 e 04) referem-se às diferenças *no corpo* e um (05) às *partes íntimas*. Talvez essa ênfase às distinções corporais se dê pelo fato de eles estarem - justamente agora - transitando pelo período da puberdade: no qual essas mudanças tornam-se muito mais perceptíveis.

Interessante, por outro lado, é observarmos que dois dos estudantes (02 e 03) distanciam-se em suas respostas desses esquemas corporais mais tradicionais (de segregação quanto às marcações endócrino-fisiológicas de gênero). O segundo enfatiza que as diferenças se verificam no plano *dos pensamentos e opiniões*. Ou seja, por fatores determinados por questões de ordem eminentemente sociocultural. Ao passo que o terceiro afirma não haver *nada* que diferencie meninas e meninos - resposta a qual nos produziu uma surpresa bastante positiva.

### **Considerações Finais**

Com o presente estudo, percebemos que os referenciais de masculinidade - atualmente observados pelos adolescentes - já não são mais tão assertivos quanto os da geração anterior, embora em alguns relatos sejam ainda perceptíveis cobranças (com traços de bastante tradicionalidade): quanto à necessidade de ajustamento a condutas e comportamentos considerados masculinos.

Essas cobranças mais contundentes (de reprovação recessiva ou de falha da masculinidade) provavelmente mantêm-se associadas mais aos preconceitos e às expectativas quanto à heterossexualidade (por exemplo, no relato em que a mãe não permite que o filho brinque de boneca), do que propriamente aos estereótipos de honradez e superioridade patriarcal (muito mais valorizados pelas gerações anteriores, as quais distinguiam apenas nos homens a chefia de família e/ou o controle dos recursos materiais).

Na prática, isso ainda ocorre porque o modelo de formação familiar segue endossando a binariedade de gênero, construída ao longo da história e consolidada pela modernidade capitalista. As performances de marcação de gênero ainda incidem muito fortemente - se não com a mesma intensidade sobre as condutas e os valores comportamentais - certamente sobre a assinatura e a distinção morfológica dos corpos: na manutenção das fronteiras socioculturais e identitárias, de segregação entre o masculino e o feminino.

Dessa forma, sabe-se que as cobranças ligadas à masculinidade ainda persistem, mas diante de um mundo cada vez mais cheio de informações acredita-se que os alunos já conseguem diferenciar que o homem é um ser que pode - de maneira positiva - compreender e expressar seus sentimentos, tanto quanto colaborar (em condições de igualdade com a mulher) na organização de uma casa, no cuidado com a família e exercer isso de forma totalmente livre de preconceitos ligados à sua sexualidade.

Percebemos também que a construção e a afirmação das masculinidades na adolescência podem ainda envolver alguns aspectos simbólicos, tais como a virilidade, além de atribuições e funções culturais de comando (às quais os homens ainda são cobrados a se encaixar). No entanto, de acordo com as falas dos alunos, vimos que - aos poucos - parecem estar ocorrendo algumas ressignificações positivas da masculinidade (nesses e em outros sentidos).

Assim, diante do presente estudo, sugere-se aprofundar um pouco mais sobre a percepção das masculinidades junto aos adolescentes, com a finalidade de se conhecer não só suas opiniões, pensamentos e sentimentos, mas também de se compreender - de forma mais acurada - o contexto familiar, escolar e social no qual eles estão inseridos: e sobre o qual se projetam as suas percepções, anseios e representações em torno de suas identidades masculinas.

Pretendemos, por fim, em trabalhos futuros, ampliar o espectro de nossa pesquisa: estendendo também às meninas a possibilidade de expressar a sua compreensão e percepção quanto às identidades e representações sociais das masculinidades.

## Referências

- CABRAL, Francisco; DÍAZ, Margarita (Orgs.). Relações de gênero. Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte/Fundação Odebrecht. **Cadernos afetividade e sexualidade na educação: um novo olhar**. Belo Horizonte: Editora Rona, p. 142-50, 1998. Disponível em: [http://www.adolescencia.org.br/upl/ckfinder/files/pdf/Relacoes\\_Genero.pdf](http://www.adolescencia.org.br/upl/ckfinder/files/pdf/Relacoes_Genero.pdf)> Acesso em: 09 de novembro de 2021.
- DE CASTRO, S. O papel das escolas no combate às masculinidades tóxicas. *APRENDER - Caderno de Filosofia e Psicologia da Educação* (20), 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.22481/aprender.v0i20.4552>. Acesso em: 09 de novembro de 2021.
- CONNELL, R. W. Políticas da masculinidade. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 185-206, 1995.
- GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- GOMES, Romeu et al. As arranhaduras da masculinidade: uma discussão sobre o toque retal como medida de prevenção do câncer prostático. *Ciência & saúde coletiva*, v. 13, p. 1975-1984, 2008.
- PINTO, Andréia Dioxopoulos Carneiro; MENEGHEL, Stela Nazareth; MARQUES, Ana Paula Maraschin Karwowski. Acorda Raimundo! Homens discutindo violências e masculinidade. *Psico*, v. 38, n. 3, p. 4, 2007.
- SILVA, Luciana Aparecida Siqueira; DE QUEIROZ SILVA, Elenita Pinheiro. Masculinidades no contexto escolar: como a temática é abordada em artigos publicados em dossiês de periódicos nacionais. *Diversidade e Educação*, v. 7, n. 2, p. 20-44, 2019.
- SOUZA, Maria Danielly Franchini de; ALTOMAR, Giovana; MANFRIN, Silvia Helena. A Construção Social da Masculinidade. *Etic - Encontro de Iniciação Científica - ISSN 21-76-8498*, v. 13, n. 13, 2017.
- VOKS, DOUGLAS JOSIEL. Reconfigurações de uma masculinidade hegemônica nas páginas da revista Playboy (Brasil: décadas de 1980 e 1990). 2019, 225p. Disponível em: <[https://www.udesc.br/arquivos/faed/id\\_cpmenu/2551/Douglas\\_Josiel\\_Voks\\_final\\_15713395970454\\_2551.pdf](https://www.udesc.br/arquivos/faed/id_cpmenu/2551/Douglas_Josiel_Voks_final_15713395970454_2551.pdf)> Acesso em: 10 de novembro de 2021.
- NADER, Maria Beatriz; CAMINOTI, Jacqueline Medeiros. Gênero e poder: a construção da masculinidade e o exercício do poder masculino na esfera doméstica. **Anais do XVI encontro Regional de História da Anpuh-Rio: Saberes e praticas científicas**, v. 16, 2014.
- NADER, Maria Beatriz. A condição masculina na sociedade. *Dimensões: Revista de História da UFES*, Vitória, n. 14, p. 461-480, 2002
- SILVA, Sergio Gomes da. A crise da masculinidade: uma crítica à identidade de gênero e à literatura masculinista. *Psicologia: Ciência e Profissão* [online]. 2006, v. 26, n. 1, p. 118-131. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1414-98932006000100011>>. Epub 20 Ago 2012. ISSN 1982-3703. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932006000100011>. Acessado em 13 de novembro de 2021.

## ANEXO I

## Questionário semi-estruturado aplicado na pesquisa

- 1- Você sabe o que é masculinidade? Diga com suas palavras.
- 2- Leia atentamente as situações abaixo e diga se você já vivenciou ou ouviu alguma situação parecida. Se possível, faça um breve relato, contando se foi com você ou alguém próximo.
  - i) “Meninos não podem brincar de boneca”
  - ii) “Meninos não podem chorar”
  - iii) “Meninos não devem aprender afazeres de casa”
  - iv) “Meninos não podem brincar com meninas”
- 3- Você acha que os meninos podem chorar? Por quê?
- 4- E as meninas, podem? Por quê?
- 5- Você acha que meninos e meninas devem aprender a cozinhar e arrumar a casa, ou apenas as meninas devem aprender a fazer isso? Por quê?
- 6- Você acha que meninas e meninos devem brincar separadamente? Por quê?
- 7- Em sua opinião, o que torna diferentes meninas e meninos?

## ANEXO II

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)**

Você está sendo convidado(a) para participar, como voluntário(a), em uma pesquisa científica. Caso você não queira participar, não há problema algum. Você não precisa me explicar o porquê, e não haverá nenhum tipo de punição por isso. Você tem todo o direito de não querer participar do estudo, basta selecionar a opção correspondente no final desta página.

Para confirmar a sua participação, você precisará ler todo este documento e depois selecionar a opção correspondente ao final. Este documento se chama TCLE (Termo de Consentimento livre e esclarecido). Nele estão contidas as principais informações sobre o estudo, objetivos, metodologias, riscos e benefícios, dentre outras informações.

Este TCLE se refere ao projeto de pesquisa **A PERCEPÇÃO DE ALGUNS ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL A RESPEITO DAS EXIGÊNCIAS DA MASCULINIDADE**, cujo objetivo é compreender a realização das formas sociais da masculinidade na formação e na educação de meninos entre 11 e 14 anos de idade.

A pesquisa será realizada por meio de um questionário semiestruturado, constituído por sete perguntas. A precisão de suas respostas é determinante para a qualidade da pesquisa.

Você não será remunerado, visto que a sua participação nesta pesquisa é de caráter voluntário. Caso decida desistir da pesquisa, você poderá interromper o questionário e sair do estudo a qualquer momento, sem nenhuma restrição ou punição.

A pesquisadora se compromete integralmente com o sigilo e a confidencialidade de todas as informações fornecidas por você para este estudo. Da mesma forma, o tratamento dos dados coletados seguirá as determinações da Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD – Lei 13.709/18).

**CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO**

Eu \_\_\_\_\_, grau de parentesco (\_\_\_\_\_) autorizo (nome do estudante) \_\_\_\_\_ a participar voluntariamente do presente estudo. A pesquisadora me informou sobre tudo o

que vai acontecer na pesquisa, garantiu que o estudante, pelo qual sou responsável, poderá sair da pesquisa a qualquer momento, sem dar nenhuma explicação, e que esta decisão não trará nenhum tipo de penalidade, nem a mim nem ao estudante.

ACEITO PARTICIPAR

NÃO ACEITO PARTICIPAR

Itapipoca/CE, \_\_\_\_ de outubro de 2021.

ASSINATURA